

123

Especialistas vêm contradição

MARISE LUGULLO

Agência JB

BRASÍLIA – A defesa feita pelo presidente Fernando Henrique Cardoso de uma participação maior dos governos no combate às injustiças sociais foi um discurso de convencimento em virtude de sua presença no exterior e do público que o ouvia. A tese é defendida pela professora Sônia Regina Mendonça, do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense (UFF).

Na sua opinião, a prática do governo

federal tem sido totalmente contrária ao discurso no que diz respeito às questões sociais. Para a professora, o presidente cumpriu, de fato, com a promessa de enterrar a Era Vargas, “desmantelando o que existia de bem-estar social, originado da década de 40, mesmo que paternalista e pelego”.

Embora frise que acredita na força dos movimentos sociais, Sônia Mendonça descarta a possibilidade de estar havendo uma sinalização no sentido de uma mudança de atitude voltada para a área social em razão de pressões populares, expressas em movimentos como o MST, a greve dos funcio-

nários públicos e as agressões contra o ministro da Saúde, José Serra, e o governador de São Paulo, Mário Covas.

Atitudes – Já para a professora Elina Pessanha, coordenadora de Pós-Graduação de Sociologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), apesar de haver um discurso de retirada do Estado do processo de bem-estar social, é o poder público o grande tomador de atitudes nessas áreas até hoje. “Por um lado isso é ruim porque tira do trabalhador e do patronato a possibilidade de experimentar a prática de defesa de seus interesses”, disse Elina. Ela cita como exemplo o contra-

to coletivo de trabalho, uma iniciativa do Ministério do Trabalho.

Para ela, não há uma alternativa colocada à mesa para substituir o Estado nas relações com o mercado de trabalho. “A estrutura corporativa é muito forte e se enraizou de tal forma que os atores se acostumaram a uma relação mais vertical com esse Estado. É uma tradição corporativa”, avalia.

Elina Pessanha sugere que o presidente Fernando Henrique pode estar mais sensível à questão social, já que “a inflação foi controlada e o Brasil passou pelo teste das crises econômicas”.